

PAISAGEM E FRONTEIRA: RACIONALIDADES DA GUERRA E DA PAZ.

Raquel Agnes Santos Fonseca

*Universidade Federal da Fronteira Sul – campus Erechim
raquelasfonseca@gmail.com*

Reginaldo José de Souza

*Universidade Federal da Fronteira Sul – campus Erechim
reginaldo.souza@uffs.edu.br*

Eixo 07: Ciências Humanas

RESUMO

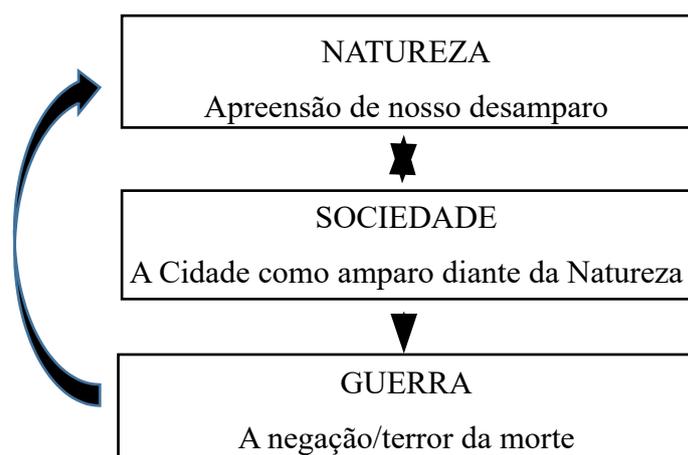
A presente pesquisa parte da afirmação do geógrafo Yves Lacoste, quando disse que “A Geografia serve em primeiro lugar para fazer a guerra”. A partir dessa afirmação, a **contextualização** desta pesquisa se alia aos estudos sobre a fronteira, esta que simboliza a delimitação territorial e a ideia de separação da Natureza e das sociedades, configurando na contemporaneidade os Estados-Nação, e uma suposta ideia de estabilidade das relações espaciais. Nesse sentido, como contraposição da fronteira, apresenta-se uma interpretação paisagística destes espaços que foram resultado de conflitos e guerras, alicerçada em uma compreensão com base na dimensão da existência que atravessa a fronteira, do tempo presente e da projeção de continuidades sociais e naturais. Propomos uma geografia que sirva à paz via paisagem, pois, é partir dela, a paisagem, que tomamos consciência do espaço que ocupamos no mundo, nas tentativas humanas de obter algum domínio, falho, sobre a natureza e na dominação de uns em detrimento de outros, gerando as mais diversas formas de fragmentações sociais e produções de desigualdades. Desta forma, este trabalho tem como **objetivo** analisar como a geografia serviu de instrumento de conhecimento territorial na anulação simbólica e material do outro, portanto, a serviço de um pensamento e prática da guerra. Posto isso, propor uma geografia que insere o ser humano no espaço a partir da paisagem, como uma possibilidade de criação de ajuizamentos éticos e estéticos, que vislumbrem um fazer geográfico que valoriza a existência humana. A ideia de paz, em sua construção prática no decorrer dos tratados e alianças entre os Estados-Nação, a exemplo da Liga das Nações, remonta um cenário europeu de pós guerra, da paz tratada enquanto uma ferramenta de dominação, de divisão territorial de outros continentes, e de alianças de cooperação para reconstrução da destruição causada durante a Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, a ideia da paz se coloca no cenário da geopolítica, em acordos políticos de ordem político-administrativa, que por vezes partem de disputas onde a sociedade civil não tem uma participação efetiva, se não nula. Portanto, vista dessa forma, ou seja, à paz enquanto uma trégua da guerra, não como um princípio do bem viver a todos, merece uma análise crítica.

A **metodologia** desta pesquisa se constrói enquanto uma análise bibliográfica de teor qualitativo. Abordando interpretações e dinâmicas de poder no espaço geográfico a partir da guerra e da paz. A metodologia se fundamenta na análise de três eixos de discussão: A Natureza; A Sociedade; A Guerra, como chaves introdutórias na compreensão de como a sociedade percebe e interpreta a Natureza, a si mesma, e por fim gera a guerra como uma forma de retorno à Natureza.

Palavras-chave: Natureza Humana. Guerra. Fronteira.

INTRODUÇÃO

Apresentarei essas discussões na seguinte ordem, a fim de que elas se complementem: Natureza; Sociedade; Guerra. Primeiro, proponho um debate sobre a categoria de Natureza, a partir de percepções historicamente atribuídas a esta até o presente momento, aqui compreendendo-a em sua dimensão cósmica e enquanto fonte de recursos mais elementares para a sobrevivência do ser humano e da sociedade. Depois, abordo a sociedade considerando a discussão sobre a “civilização” capitalista que compõe o cenário atual do mundo, dado o grau de abrangência e conectividade com o advento da globalização, salientando o papel da cidade, na centralidade da organização de espaços que extrapolam seus limites e organiza e desorganiza a vida em sociedade, que constrói narrativas de si e da natureza. Cria-se assim, subterfúgios para o favorecimento de algumas pessoas ou grupos sociais (os mais economicamente ricos) em detrimento de outros. Nestas situações, as relações de poder ganham destaque enquanto motivadores de uma permanência da supressão de direitos, e da luta constante por direitos, da mediação das relações através do Estado e de legislações ou da ausência dessas. Essas duas chaves conceituais nos levam a pensar a guerra para além do momento da “batalha”. Também, fazem refletir sobre a lógica permanente do estado de alerta e de uma vida que não é compreendida em sua dimensão contemplativa, que poderia ser o fortalecimento de laços solidários para um bem viver comum a todos. Nesse sentido, a negação da morte e o terror a ela, enquanto um problema essencialmente humano, pode tornar-se explicativo. Abaixo, apresento uma síntese do que proponho:



MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho se constitui como parte das reflexões que vem sendo discutidas no âmbito do mestrado, na pesquisa intitulada: “Paisagem e Fronteira: A Geografia, isso serve, em primeiro

lugar, para fazer a paz.”, de caráter bibliográfico, em uma perspectiva qualitativa, que tem como base, a ciência e o campo de estudos em que a geografia germinou enquanto ferramenta na descrição dos lugares, assim como, na sua utilização enquanto conhecimento de poder e dominação, passando por evoluções para uma geografia ativa e crítica na interpretação da realidade. Dessa forma, seguimos a proposta de Lacoste (1969) de uma geografia que sirva para desmascarar compreensões de dados da realidade, tidos como estáveis, a partir de uma crítica ao uso da geografia enquanto uma ciência neutra. Assim, compreende-se a discussão entre autores da geografia, como: Lacoste (1969), Tuan (2005). Massey (2008), Souza (2022), Mendonça (2002), Morin (2002), Carlos (2020), da filosofia de Kant (2020), e na psicanálise, antropologia e sociologia como respectivamente: Freud (1996 [1927]), Becker (2021), Latour (2020) e Tavolaro (2001), na compreensão da natureza humana, natureza esta que por racionalizar a si própria e a Natureza, cria também ideias voltadas à uma salvação e heroísmo. A investigação da realidade espacial, como a delimitação de fronteiras torna-se uma manifestação desta ideia de controle, do ser humano impor algum controle sobre a existência, e colocar-se acima da realidade em uma posição de “deus” manifestados assim na ideia de pulsão de morte voltada para com o outro. A paisagem neste sentido, apresenta-se como um conceito geográfico, bem como transversal a diversas áreas, capaz de nos inserir no mundo, e colocar-nos em nosso devido lugar, da finitude e da impermanência. O que poderia vir a ser uma forma de não mais negar a morte, mas da aceitação desta, como consciência e ajuizamento ético e estético do que nos constitui como sociedade, mas não ainda, enquanto humanidade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados da pesquisa se referem ao processo de desenvolvimento da escrita da dissertação e sua conseqüente socialização, tanto na qualificação realizada em 28 de março de 2023, em que o texto foi aprovado, como na participação em eventos através de resumos como parte do processo de evolução do trabalho na discussão entre pares da área. O primeiro evento se trata do VI Seminário Internacional dos Espaços de Fronteira – Geofronteras, realizado na Universidad de Itapúa, em Encarnacion no Paraguai, onde foi apresentado o trabalho intitulado “Paisagem: uma reflexão geográfica para a paz a partir da fronteira.”. Em um segundo momento, já no período pós qualificação o resumo intitulado “Paisagem e Fronteira: Pode a Geografia servir à paz?” foi submetido e aprovado para apresentação no VI Congresso Internacional de Riscos, em Coimbra – Portugal, na Universidade de Coimbra, com a participação e apresentação do orientador em coautoria Reginaldo José de Souza, disponível, *online*, no livro de resumos do evento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busquei respaldo de outras áreas que pudessem abrir caminhos de análise, pensando a relação humana com a morte e por consequência com a natureza, em esferas que atravessam, indivíduo/sociedade/espécie, a fim de colaborar com um debate que tem em vista, o bem viver a todos. A cidade, como meio para iniciar o debate sobre a sociedade, como ente que metaboliza a si e influencia na organização de outros espaços, de um território de contradições, da hierarquia, apresenta uma potencialidade que pretendo explorar nos próximos passos da pesquisa. A fronteira, é o encontro de políticas distintas, mas que não se anulam, como Hissa (1998) lembra que a inevitabilidade do limite é a inevitabilidade do contato, contato de realidades que podem até nos dar a impressão de se anularem, mas dependem do outro para existir.

Se o território é um conceito que nos remete ao conflito, a ideia de pertencimento, como também de propriedade, olhar para a paisagem, em sua dimensão da natureza que ultrapassa nosso sentimento de posse e nos coloca em nosso devido lugar de finitude, lugar esse que deveria ser ponto de transformação para nosso ímpeto de construção humana, então, quero aprofundar esta concepção de paisagem como forma de nos libertarmos das amarras das fronteiras e pensarmos um processo de politização pautado nos acordos entre as pessoas, os grupos sociais, as cidades, as regiões, as nações. Não na guerra.

AGRADECIMENTOS

Ao financiamento institucional da Universidade Federal da Fronteira Sul- campus Erechim.

Ao Programa de Demanda Social CAPES, ao qual sou bolsista de mestrado no momento.

Ao Professor e Orientador Reginaldo José de Souza que esteve presente em todo processo de desenvolvimento e investigação da temática proposta.

E ao Programa de Pós Graduação em Geografia – *campus* Chapecó e Erechim.

REFERÊNCIAS

- BECKER, Ernest. **A negação da morte**. Tradução de Luiz Carlos do Nascimento Silva; revisão técnica de José Luiz Meurer. 15ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.
- FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. **O mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Volume XXI (1927-1931). Traduzido do alemão e do inglês, sob direção de Jayme Salomão. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1969.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **A mobilidade da fronteira: inserções do conhecimento sócio-espacial na crise da modernidade.** 1998, v.1. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

KANT, Immanuel. **Analítica do sublime.** In: Crítica da faculdade do juízo. ed. 3 KANT, Immanuel. À paz perpétua: um projeto filosófico. trad. Bruno Cunha. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2020.

LACOSTE, Yves. **A geografia – isso serve, e primeiro lugar, para fazer a guerra.** 19ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. 55

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: Uma Nova Política da Espacialidade.** Trad.: Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MENDONÇA, Francisco. **Geografia Física: Ciência Humana?** 8. ed. 2ª reimpressão – São Paulo: Ed. Contexto, 2013.

MORIN, Edgar. **O método I: a natureza da natureza.** Porto Alegre: Sulina, 2008. 2ª ed. 479p.

SOUZA, Reginaldo. **A sociedade como passagem e a natureza como permanência.** In: Geograficidade. Geograficidade, 11(2), 2022. Rio de Janeiro: Lamparina, 2001.

TUAN, Yi-fu. **Medo da natureza: grandes caçadores e fazendeiros pioneiros.** In: Paisagens do medo. São Paulo: Editora UNESP, 2005.